

2+153



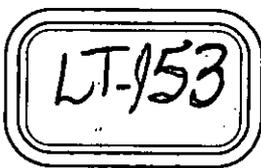
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

**A Representação da Poligamia em Niketche: Um pretexto para o  
questionamento da tradição e modernidade moçambicanas**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção  
do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

**Josina Vasco Quive**

Maputo, 2005



**A Representação da Poligamia em Niketche: Um pretexto para o questionamento da tradição e modernidade moçambicanas**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em *Linguística* da Universidade Eduardo Mondlane por:

*Josina Vasco Quive*

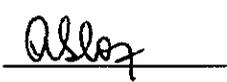
*Departamento de Linguística e Literatura*

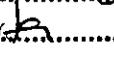
Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: *dr. Almiro Lobo*

Maputo, 2005

O Júri:			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
			14/09/05

U.E.M. - F.L.C.S.
R. E. 30467
DATA 21.09.2005
AQUISIÇÃO. 
COTA LT-153

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas nela a bibliografia e as fontes por mim usadas.

**À memória da minha mãe Sara**

**Ao meu irmão e pai Domingos**

**Ao meu marido Marco, à minha filha Liesly, dedico o presente trabalho**

## Agradecimentos

Uma menção especial e um obrigado infinito ao meu supervisor, doutor Almiro Lobo, pela disponibilidade, paciência e força e pelo grande apoio, quer em ideias, quer em materiais (bibliografia pessoal) que foram relevantes para a elaboração deste trabalho.

Vai a minha eterna gratidão para o meu irmão e pai, Domingos, e para a minha cunhada e mãe, Gracinda, pela grande educação, carinho, amor, compreensão, apoio incansável e encorajamento desde os primeiros anos da minha escolaridade até ao fim desta grande caminhada.

As minhas sobrinhas, Menina e Filó, pelo apoio e companhia.

Um obrigado particular e especial vai para o meu marido Marco, pela grande força e companheirismo e, principalmente por ter cuidado da nossa filha Liesly em todo o momento que precisei para a elaboração desta dissertação.

A todos os meus colegas de turma, em especial ao "terceto" (companheiras de batalha), Nelsa, Natércia e Tomásia, pela força e pela grande ajuda que me deram ao longo do curso.

Aos meus colegas de trabalho, em particular ao Alberto Fumo pelo apoio na informatização deste trabalho vai também a minha gratidão.

Ciente de que o presente trabalho é o culminar de uma grande caminhada de 5 anos quero endereçar o meu muito obrigado a todos que directa ou indirectamente contribuíram, não só para que esta dissertação se realizasse como também para os cinco anos de muita luta.

## Sumário

O presente trabalho incide sobre a obra *Niketche Uma História de Poligamia* de Paulina Chiziane e tem como tema: *A Representação da Poligamia em Niketche: Um pretexto para o questionamento da tradição e modernidade moçambicanas*.

O principal objectivo deste trabalho é o de mostrarmos de que forma a autora representa ou retrata o fenómeno da poligamia na obra, tendo em conta o contexto cultural e social moçambicano e, sobretudo, analisar dentro da mesma a forma como este fenómeno se manifesta no contexto urbano, tendo em conta a sua definição no contexto tradicional.

Como forma de alcançarmos o nosso objectivo, operamos com os conceitos de representação em literatura, poligamia, identidade como construção literária, modernismo e estereótipo. na mesma língua.

O presente trabalho será constituído por quatro capítulos. No primeiro, que será o da introdução, definiremos as hipóteses de trabalho, os objectivos que se pretendem alcançar com o mesmo, justificaremos a escolha do tema e falaremos das contribuições que estaremos dando com o alcançar dos objectivos previamente traçados.

O segundo capítulo será reservado à revisão bibliográfica onde apresentaremos os conceitos operatórios relevantes para a execução deste trabalho que acima mencionamos.

O terceiro capítulo será reservado à análise da obra. Nesta análise procuraremos de forma crítica fazer uma reflexão sobre a forma como o fenómeno da poligamia é retratado na obra, tendo em conta os questionamentos a que ela está sujeita.

E finalmente, o quarto e último capítulo será reservado às conclusões.

# Índice

<b>1.Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1. Hipóteses de investigação .....	2
1.2. Objectivo do trabalho.....	2
1.3. Motivação .....	3
1.4 Importância do estudo.....	3
1.5. Metodologia .....	4
<b>2.Revisão da literatura</b>	
2.1. A Questão da Representação em Literatura.....	5
2.2. Conceito de poligamia .....	7
2.3. A questão da identidade como construção literária .....	10
2.4. O Modernismo .....	11
2.4.1. A modernidade como fenómeno da ruptura da tradição.....	11
2.4.2. A relação entre a tradição e modernidade.....	12
2.5. A noção de Estereótipo .....	13
2.6. A narrativa.....	16
2.6.1. O enredo como pretexto.....	17
<b>3. A representação da poligamia em Niketche: Um pretexto para o questionamento da tradição e da modernidade moçambicanas.</b>	
3.1.A poligamia na obra: questionamento da tradição e da modernidade moçambicanas.....	19
3.1.1. A poligamia na obra: questionamento da tradição do lobolo.....	20
3.1.2. A poligamia na obra:questionamento da modernidade moçambicana.....	25
3.1.3. A dimensão social da mulher. A questão dos esteriótipos sob dois polos: o sul e o norte.....	28
<b>4.Conclusões.....</b>	<b>32</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>35</b>

## **A representação da poligamia em Niketche: Um pretexto para o questionamento da tradição e da modernidade moçambicanas.**

### **1. INTRODUÇÃO**

A poligamia é uma prática muito antiga, encontrada em muitas sociedades. Em algumas sociedades este fenómeno é considerado um dos factores determinantes do estatuto social do homem.

É neste contexto que tendo em conta a obra *Niketche Uma história de poligamia* de Paulina Chiziane, o presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a forma como o fenómeno da poligamia é retratado na obra.

O presente trabalho é enquadrável na área de estudos sobre a literatura moçambicana e pretende ser um contributo para o aprofundamento de estudos sobre a obra, em particular, e um contributo para o desenvolvimento e consolidação da ficção literária em Moçambique, em geral.

O mesmo será constituído por quatro capítulos. No primeiro, que será o da introdução, definiremos as hipóteses de trabalho, os objectivos que se pretendem alcançar com o mesmo, justificaremos a escolha do tema e falaremos das contribuições que estaremos dando com o alcançar dos objectivos previamente traçados.

O segundo capítulo será reservado à revisão bibliográfica onde discutiremos a relação entre a literatura e a realidade. De referir que será privilegiada neste capítulo, a discussão dos conceitos de representação, identidade como construção literária, modernidade, poligamia, tradição e estereótipos.

O terceiro capítulo será reservado à análise da obra. Nesta análise procuraremos de forma crítica fazer uma reflexão sobre a forma como o fenómeno da poligamia é retratado na obra, tendo em conta os questionamentos a que ela está sujeita.

E finalmente, o quarto e último capítulo será reservado às conclusões.

## 1.2. HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

Com o presente trabalho pretendemos validar as seguintes hipóteses:

- o fenómeno da poligamia é extremamente controverso, a sua delimitação conceptual deve ter em conta as diversidades do contexto cultural e social de cada sociedade;
- A poligamia na obra é um reflexo nítido e crítico do questionamento da tradição e da modernidade moçambicanas;
- A poligamia na obra reflecte apenas o questionamento da tradição;
- A poligamia na obra reflecte apenas o questionamento da modernidade

## 1.3. OBJECTIVO DO TRABALHO

Ao propormos o tema do presente trabalho, pretendemos, no geral, fazer uma reflexão sobre o modo como a autora representa ou retrata o fenómeno da poligamia na obra, tendo em conta o contexto cultural e social moçambicano e, sobretudo, analisar dentro da obra a forma como este fenómeno se manifesta no contexto urbano, tendo em conta a sua definição no contexto tradicional.

Assim, para um melhor enquadramento do que pretendemos analisar no presente trabalho, propomos a atribuição do tema "*A representação da poligamia em*

*Niketche: Um pretexto para o questionamento da tradição e da modernidade moçambicanas*”.

#### 1.4. MOTIVAÇÃO

A literatura moçambicana tem revelado desde o seu surgimento facetas diversificadas, muitas vezes relacionadas com o carácter de compromisso pela afirmação da identidade e da tradição.

Foi neste contexto que surgiu a grande motivação da escolha da análise desta obra. De referir que a mesma também esteve relacionada com a grande paixão que a obra despertou em mim aquando da primeira leitura que fiz há um ano. Tal paixão foi certamente motivada pelo facto de considerar que não contrária a muitas sociedades maioritariamente africanas, a obra espelha de forma crítica o declínio da tradição e da modernidade moçambicanas.

O desejo de contribuímos para futuras investigações, não só na área da literatura moçambicana, como também sobre as narrativas desta autora, também não deixou de constituir uma das grandes motivações da escolha da análise da mesma.

#### 1.5. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

A literatura moçambicana tem se preocupado, desde sempre, em abordar diferentes temáticas relacionadas com os usos e costumes da sociedade moçambicana. Para a revelação dessa preocupação, os escritores têm adoptado estratégias que se prendem com a representação das suas próprias estruturas sociais, desde o aspecto social, cultural, religioso, até político.

O presente estudo insere-se na área da Literatura Moçambicana e a sua efectivação poderá não só impulsionar o aprofundamento dos estudos dos aspectos sócio-culturais da sociedade moçambicana presentes na narrativa de Paulina Chiziane como também para o desenvolvimento de estudos sobre a literatura moçambicana.

#### 1.6. METODOLOGIA

Neste ponto, pretendemos explicar os procedimentos metodológicos que irão orientar o nosso trabalho. Assim, cientes de que o verdadeiro trabalho crítico não deve reflectir apenas o ponto de vista individual, mas sim, fazer uma rebusca dos conhecimentos sobre os códigos estéticos e paraliterários na obra, faremos a discussão e análise do corpus com recurso ao manuseamento de conceitos relevantes que mais adiante apresentaremos.

Como resultado final do nosso trabalho, teceremos algumas conclusões sobre o estudo desta obra.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. A Questão da Representação em Literatura

O termo representação é visto por diversos autores do ramo da literatura como um termo afectado por uma certa polissemia. Tal visão é suscitada pela vasta projecção que este termo representa no campo dos estudos literários.

A questão da definição da representação em literatura foi desde os tempos remotos colocada em reflexão. As reflexões platónicas e aristotélicas sobre os procedimentos de imitação adoptados pelos discursos de carácter estético-verbal, para além de servirem de exemplo indiscutível dos traços pioneiros deste conceito, inauguram uma determinada forma de fazer e pensar a literatura.

Assim, a literatura pode ser vista como uma representação ficcional da realidade ou do mundo empírico.

É ainda neste contexto que Noa (2002:87) aponta que um factor constitutivo e definidor da literatura de ficção, é que ela participa da composição de mundos possíveis e convoca, para cada um destes mundos, uma ideia de realidade que acaba por se articular, por semelhança ou contiguidade, com o mundo empírico no qual nos movemos.

Segundo Lubomir Dolezel (1988:83), citado por Noa (2002:87), a acessibilidade ao mundo ficcional efectiva-se a partir do mundo real que concorre, de forma marcada, para a formação do mundo de ficção.

Assim, é de se afirmar que a ficcionalidade deve ser vista como uma das propriedades necessárias para a existência do texto literário, simboliza um conjunto de regras pragmáticas que prescrevem como estabelecer relações possíveis entre o mundo

real e a obra literária, ou seja, a literatura deve ser analisada como fingimento que constrói a imagem da sua própria relação com a realidade.

Barthes (1982) refere, por exemplo, que a estratégia textual de notação de pormenores e de descrições exaustivas na narrativa corresponde à necessidade de produção do “efeito do real”, pelo qual se constrói a imagem da atitude realista da representação do mundo.

Quando se fala da representação de um mundo empírico numa obra literária, salta à vista o problema do realismo, como forma de entender e analisar até que ponto esse mundo empírico pode ser construído ficcionalmente pelo autor da narrativa.

De notar que, embora seja consensual a existência da relação entre a literatura e a realidade, tal facto não implica uma estrita fidelidade especular entre o mundo construído e o mundo real ou actual.

Reis et al (2000) salientam nesta perspectiva que a análise dos textos narrativos ficcionais deve concretizar-se nos termos de um equilíbrio entre dois extremos evitáveis: por um lado, o que perfilha uma postulação de tipo imanentista, recusando o estabelecimento de quaisquer conexões entre o mundo possível do texto e o mundo real; por outro, o que cultiva uma atitude imediatista, lendo toda a narrativa como reflexo especular do real e não modelada de eventos e figuras empiricamente verificáveis como existentes.

Podemos assim concluir que a relação entre literatura e a realidade é uma questão que se reveste de enorme importância não apenas pela dimensão de discussões que circundam em seu redor, mas principalmente porque permite observar e avaliar de

que forma o autor/escritor constrói na obra o seu mundo empírico e a forma como o texto literário constrói o mundo imaginário.

## **2.2. Conceito de poligamia**

O conceito da poligamia é concebido sob várias perspectivas. Tais perspectivas dependem, muitas vezes, das especificidades das realidades e culturas.

É neste contexto, de diferentes realidades e culturas, que pretendemos mostrar como é que o fenómeno da poligamia é assimilado ou encarado na obra.

De uma forma geral, os dicionários apontam a palavra poligamia como sendo o estado ou condição de polígamo. União conjugal de um indivíduo com vários outros simultaneamente. Costume socialmente regulado, ou regra ou ideal de casamento que permite ou prescreve esse tipo de união.

Podemos, ainda, encontrar conceitos que apontam que a poligamia é o matrimónio celebrado com mais de um cônjuge, e que esta pode ser poliginia ou poliandria. Poliginia quando se trata de casamento do homem com muitas mulheres, e poliandria quando o casamento é celebrado entre uma mulher e diversos homens.

Na visão divina cristã, e na maioritariamente africana, o conceito da poligamia está associado ao casamento de um homem com várias mulheres.

Assim, para os cristãos a poligamia contradiz radicalmente uma comunhão conjugal. Nega, de facto, directamente o plano de Deus como foi revelado nas origens, porque contraria a igual dignidade pessoal entre o homem e a mulher que, no matrimónio, se devem doar com um amor total e, por isso, único e exclusivo.

Ora, se por um lado, a questão da poligamia é renegada no contexto do cristianismo, por outro, este fenómeno é unanimemente aceite pelas leis islâmicas, onde os homens podem contrair matrimónio com até 4 mulheres desde que ofereçam para todas as mesmas condições.

Como podemos observar, é importante reter que o fenómeno da poligamia deve ser analisado em dupla natureza, a divina e a humana, de forma a apreender toda a extensão que ela representa.

Em Moçambique, o conceito da poligamia está inserido no contexto das práticas rurais, embora hoje se observe (aparentemente) a sua transposição, sob diferentes formas, para o contexto urbano. De referir que muitas das práticas consideradas rurais foram sistematicamente condenadas na fase pós-independência e muitas vezes menosprezadas no âmbito da investigação académica. Foi assim que o fenómeno da poligamia passou a ser visto como sendo uma manifestação obscurantista que atentava contra a emancipação da mulher, sem contudo atender às razões profundas do papel que este fenómeno joga na lógica sócio-económica dos camponeses.

Embora em muitos países africanos, o conceito de poligamia esteja estritamente associado ao casamento entre um homem e várias mulheres, portanto há uma partilha do homem, em Moçambique, este conceito, da poligamia, associa-se à partilha tanto do homem como da mulher. Por exemplo, em algumas regiões do norte Moçambique (Cabo Delgado, Nampula) com linhagem predominantemente matrilinear, defende-se que o amor deve ser feito de partilhas, onde o instrumento de partilha é a mulher. Partilha-se a mulher com o amigo, com o visitante mais nobre, com o irmão por afinidade, etc... .

Na região sul de Moçambique, dotada de uma linhagem patrilinear, o fenómeno da poligamia ganha outra dimensão. Este fenómeno está associado ao casamento de um homem com várias mulheres, ou seja, o instrumento de partilha é o homem.

Junod (1996:260) aponta que, embora em Moçambique o fenómeno da poligamia seja concebido sob pontos de vista diferentes nos dois pólos (norte e sul), este pratica-se em todas as tribos. Este refere, no entanto, que isso não quer dizer que todos os homens possuam muitas mulheres. Muitos homens são monógamos, não que o desejem mas por força das circunstâncias.

Para Junod (1996:260) a origem deste costume pode estar associado a um vestígio do velho sistema de casamento por grupos, supondo terem os bantu passado também por este estágio de evolução familiar. Provavelmente, em dada época, todos os homens de um grupo teriam considerado como suas todas as mulheres doutro grupo, e vice-versa. Seria, portanto, um estado de poliginia e poliandria ao mesmo tempo.

Como podemos concluir, embora seja inegável que o conceito da poligamia deve ser analisado sob realidades e polos diferentes, deverá, antes de mais, ser visto como uma convenção institucionalizada por cada sociedade.

Assim, o esclarecimento do conceito em questão torna-se primordial para a análise da presente obra uma vez que este é usado como pretexto da criação de um romance que reflecte de forma crítica o retrato da sociedade moçambicana.

### 2.3. A questão da identidade como construção literária

Serra (org.) (1998) refere que a identidade é um modo historicizado e dinâmico de categorização simbólica usado por indivíduos e grupos nas suas relações sociais.

Em Literatura, a questão de identidade assume outros contornos e é levantada no âmbito do surgimento das literaturas emergentes.

É importante reter nesta reflexão que muitos movimentos africanos ganham uma nova dimensão, abrem um novo caminho de reconquista dos valores perdidos. O negro africano ocidentalizado passa a exprimir uma atitude aliada a um movimento formalmente cultural, “a negritude”. Com este movimento surge também a nova regra, onde se reivindica o lugar do negro nos quadros da vida cultural, económica e política.

Foi no contexto deste movimento que surgiram e se afirmaram alguns poetas com o objectivo de utilizar a negritude para recuperar a figura originalmente africana, afirmando, assim, a sua identidade.

Assim, podemos afirmar que a “negritude” surgiu essencialmente como um movimento de auto-justificação, por meio do qual o poeta recupera a dignidade da sua identidade e rejeita uma parte da alienação imposta pelas sociedades colonialistas.

Margarido (1980) refere neste contexto, que a literatura passa então a ser essencialmente marcada pela ruptura radical com o mundo colonial e a atitude comum dos poetas negro- africanos se organiza em torno de uma conquista de identidade.

É, portanto, legítimo concluir que o movimento da negritude serviu de instrumento literário importante e decisivo para a recuperação e auto-afirmação da identidade do africano.

Assim, a questão de identidade torna-se importante para a análise desta obra, na medida em que, não diferente de outros escritores moçambicanos, Paulina Chiziane, revisita, mais uma vez, a questão da identidade cultural e a problemática da sua afirmação no universo moçambicano.

## **2.4. O Modernismo**

### **2.4.1. A modernidade como fenómeno de ruptura da tradição**

Matusse (1998) refere que a palavra modernidade exprime em princípio a ideia que uma determinada época histórica faz de si própria na sua diferença com o passado.

Assim, a modernidade é caracterizada pela consciência da época em que emerge, como um tempo em que tudo se transforma, e a sociedade é abalada nos seus alicerces, em que tudo o que está cristalizado é negado.

Embora, por um lado, se trate de um tempo de revolução permanente, com uma dinâmica de negação da tradição, ou seja, o objectivo principal se encerra na destruição da tradição, há que referir que o modernismo brasileiro contrariamente a este, que é português, velava pela afirmação da tradição.

O objectivo do modernismo Português é, assim, acompanhado pela proposta de uma nova estética assente no presente e virada para o futuro.

Como se pode notar, será este espírito modernista que teve as suas raízes a partir dos meados do século XIX, que irá alimentar as vanguardas mais radicais do início do século XX e que irão deferir, nas suas formulações mais radicais, violentos ataques contra a tradição e o culto ao passado.

De um modo geral, podemos referir, mais uma vez, que o que se evidencia nos textos mais recentes de produção literária da modernidade (incluindo moçambicanos) é a afirmação da tradição, uma afirmação e auto-afirmação pela inversão dos modelos anteriores.

#### **2.4.2. A relação entre a tradição e modernidade na literatura**

A literatura africana, em particular a moçambicana, tem procurado reflectir sobre as convergências e as contradições, as tensões e os conflitos que marcam o xadrez social.

A abordagem da relação entre a tradição e modernidade na obra em análise, está ligada ao questionamento dos valores tradicionais na modernidade, ou seja, a forma perversa como o conceito tradicional do fenómeno da poligamia se apresenta no contexto moderno.

De um modo geral, tem-se considerado que diversas crenças e práticas fazem parte da tradição. É neste contexto que se pode entender a tradição como sendo os padrões de crenças, valores, significados, formas de comportamento, conhecimento e saber, passados de geração em geração pelo processo de socialização.

Geralmente, tem-se partido do princípio de que tais crenças e práticas são transmitidas e absorvidas de maneira basicamente inalterada, ou seja, a tradição é vista como algo estático e homogéneo.

Honwana (2002) aponta que muitos estudos, principalmente os relacionados com as ciências, têm desde os primórdios, oposto a noção de tradição e tradicional à de modernidade, razão ou racionalidade. É desta forma, por exemplo, que é frequente

assumir-se que as sociedades tradicionais são conservadoras ao ponto de excluírem a mudança, interpretando-a como ameaça à ordem social.

Podemos notar que esta dicotomia é importante para a análise desta obra na medida em que procura reflectir sobre a contestação do declínio da tradição e revela de forma crítica a construção da modernidade.

É importante salientar que a presente obra nos revela por um lado, atitudes similares aos defendidos pelo modernismo brasileiro, que se preocupa com afirmação da tradição, desta feita a tradição da poligamia e, por outro, atitudes similares aos defendidos pelo modernismo português que procura velar pela ruptura dessa tradição, ou seja, o conceito moderno da poligamia. ✓

## **2.5. A noção de Estereótipo**

Em literatura, a noção de estereótipo está estritamente ligada a noção de imagem.

Assim, para uma melhor compreensão, é importante antes de mais apontar os conceitos de imagem e estereótipo apresentados por diversos autores.

Shaw (1982:246), por exemplo, define a imagem como sendo “a representação física duma coisa, duma pessoa ou dum animal por meio da pintura, escultura, fotografia ou por qualquer outro processo”. Este refere ainda que a imagem pode também ser considerada como “a impressão mental ou representação visual evocada através de palavras ou frases”.

Machado e Pageaux (1988:58) definem imagem como sendo “o resultado de uma distância significativa entre duas realidades culturais”.

É neste contexto que a imagem é considerada como um elemento distintivo e essencial, um componente fundamental, de quase toda a prosa e poesia imaginativa.

Para Shaw (1982:186) estereótipo é uma “concepção simplificada e estandardizada, com especial significado, para os membros de um determinado grupo”.

A relação estabelecida entre as duas noções, estereótipo e imagem, efectua-se porque ao representarmos uma imagem, nem sempre o fazemos de uma forma real. Muitas vezes essas representações estão carregadas de pontos de vista e visões um tanto ou quanto distorcidas.

Assim, em literatura, o termo estereótipo pode reportar-se a um cliché, uma figura, situação, resposta estandardizada, uma tradição ou um costume firmemente enraizados.

Amâncio (1994:35) refere por seu turno que, “a formação de estereótipos é vista como resultante do sistema de valores dos indivíduos e constituindo uma ordem significativa da realidade que lhes permite orientar-se e adoptar-se, e a interdependência entre o estereótipo e o sistema de valores é considerado determinante de resistência à mudança e de rejeição da informação que é incongruente com o estereótipo.”

Tal como acontece na representação, no estereótipo também se pode observar o problema de hierarquização de culturas, em que se nota a valorização da cultura do Eu em detrimento da do Outro. Em algumas obras literárias, por exemplo a *Zambeziânica-Cenas da vida colonial*, o negro aparece como um ser inferior, cujos hábitos o remetem para a animalidade.

Contudo, podemos notar que nem sempre o estereótipo se refere apenas a aspectos negativos.

Em *Niketche Uma História de Poligamia*, por exemplo, a mulher do sul é caracterizada como sendo afectiva, sensível, submissa.

Na obra em análise, onde o mundo (moçambicano) é retratado sob um olhar feminino vários são os estereótipos da mulher, sobre os quais nos debruçaremos no decurso do nosso trabalho.

## 2.6. A Narrativa

Diariamente, todos os seres humanos produzem um número infinito de textos narrativos.

É assim que se considera a narrativa como sendo o narrar, o contar algo. O falar quotidiano é um constante narrar de factos e acontecimentos. A necessidade humana de comunicação exige que na vida quotidiana os homens produzam textos em que contam eventos de que foram agentes e/ou pacientes ou de que tiveram conhecimento.

Vários estudos têm sido feitos com o objectivo de analisar e compreender a narrativa, desde os estudos sociológicos até aos mais recentes que se preocupam com o encadeamento lógico de várias etapas consideradas na relação com os factos narrados.

Aguiar e Silva (1984:596) refere que podemos encontrar textos narrativos naturais (interacção do dia-a-dia, situações funcionais e contextos comunicacionais) e textos narrativos artificiais (textos produzidos com base em aspectos peculiares, com intenção semântico-pragmático) pertencendo ao grupo dos textos ficcionais, devido a sua artificialidade. Temos como exemplo de textos narrativos ficcionais os romances, as novelas, os contos ou as bandas desenhadas. Logo, a narrativa pode ser ou não literária.

Como podemos verificar, o termo narrativa pode ser entendido em diversas acepções, mas a que é importante e interessante para o presente trabalho é a narrativa como modo literário.

A narrativa é tida como um género de grande importância, pois ao revelar as transformações sociais desempenha um papel crucial na literatura e na sociedade.

### 2.6.1. O enredo como pretexto

A presente obra conta-nos uma história de amor entre Rami, mulher do sul de Moçambique e de nível social superior à da imensa maioria das mulheres do país, e Tony, também um homem do sul e alto comissário da polícia.

Rami, casada há vinte anos com Tony, de quem tem vários filhos, descobre que o partilha com várias mulheres, com as quais ele constituiu outras famílias. O seu casamento, de “papel passado” e aliança no dedo, resume-se afinal a um irónico drama de que ela é apenas uma das personagens. Numa procura feroz, Rami descobre que Tony, seu marido, tem mais 4 mulheres e muitos filhos. Procurando cada uma das famílias, ela mergulha em outros mundos, dentro do seu país, nos quais as culturas tribais e as práticas tradicionais, como a poligamia e os ritos amorosos e eróticos, são apresentadas de forma diversificada.

*Niketche Uma História de poligamia*, apresenta-nos a riqueza e a diversidade de Moçambique. O universo moçambicano aparece, portanto, apresentado através da descrição e convivência feita pelas personagens femininas, revelando, assim, a construção e o conflito permanentes dos diversos tempos históricos.

São mulheres divididas entre expectativas que se ampliam pelo acesso a informações modernizadoras, por perspectivas de direitos individuais e de família e a opressão masculina. A heterogeneidade marcada pela convivência de valores tribais, colonizadores e sequelas dolorosas de muitas guerras, marca os cenários de uma estranha família poligâmica construída pelas rivais de Rami.

É nesta heterogeneidade que assistimos o Niketche, uma dança de amor de iniciação sexual feminina do norte de Moçambique, precisamente de Nampula e Zambézia com linhagem predominantemente matrilinear .

### **3. A representação da poligamia em Niketche: Um pretexto para o questionamento da tradição e modernidade moçambicanas**

#### **3.1. A poligamia na obra: questionamento da tradição e modernidade moçambicanas.**

De entre vários temas, no capítulo da revisão da literatura apresentamos, de uma forma geral, a discussão relativa por um lado, ao tema literatura e realidade e, por outro, à poligamia. Nestas discussões foi possível concluir que a preocupação de muitos críticos literários é a de demonstrar que a literatura é uma tentativa constante de representar o real, na medida em que as narrativas, como tentativas, apresentam pontos de vista particulares, nunca uma cópia do que se vivencia ou imagina, entendendo desse modo que a representação da realidade pela literatura será sempre parcial.

É neste contexto, da visão literária do real, que importa salientar que a análise da presente obra não será feita apenas tendo em conta a história relatada mas sim o propósito da história em si.

Assim, o fenómeno da poligamia na obra deve ser analisado como um pretexto da criação de um romance que reflecte de forma crítica o retrato da sociedade moçambicana.

Importa neste momento, com base na análise do texto, mostrar como é que a questão da poligamia está representada na obra.

Para permitir uma melhor análise da obra, surge a necessidade de dividirmos este capítulo nas seguintes partes constitutivas:

Na primeira parte, por um lado, procuraremos mostrar através da representação da poligamia na obra, os traços de questionamento da tradição e, por outro, os traços que

representam o questionamento da modernidade moçambicana. De referir que estes aspectos serão vistos em separado de modo a permitir uma visão crítica do comportamento social face à tradição e modernidade da sociedade moçambicana.

A segunda parte será dedicada à dimensão social da mulher relativamente à questão dos estereótipos a que esta está sujeita tendo em conta os dois polos: o sul e o norte de Moçambique.

### 3.1.1. A poligamia na obra: questionamento da tradição do lobolo.

À superfície, *Niketche*<sup>1</sup> –*Uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane, enquadra-se numa longa tradição literária de obras de amor e desamor, sexo, infidelidade, ciúme e vingança. Contudo, uma leitura atenta revela um romance complexo, onde se interroga e se denuncia a tradição da sociedade patriarcal africana, influenciada por tradições tribais sexistas e por um pensamento europeu aliado à questão da modernidade.

Para a análise deste subcapítulo apresentaremos o corpus que no nosso entender representa os traços do questionamento da tradição. Assim, tendo em conta o papel protagonizado pela mulher que se encontra marginalizada em relação ao poder cultural e patriarcal, tomaremos como base desta análise o questionamento da tradição do fenómeno de lobolo. De referir que esta análise tomará em conta o questionamento da tradição do lobolo na sua vertente negativa.

Junod (1996) refere que no sul de Moçambique, a origem da tradição do lobolo data desde os primórdios.

---

<sup>1</sup> Doravante passaremos a usar a sigla N, nas citações, para designar a obra *Niketche-Uma História de Poligamia*.

Granjo (2005:50) refere, por seu turno que, a tradição do lobolo é uma instituição referida e analisada pela antropologia e pelo direito comparado desde o século XIX.

A presente obra faz uma descrição do fenómeno do lobolo como um acto tradicional importante praticado no sul de Moçambique com linhagem predominantemente patriarcal, como ilustra a passagem que a seguir apresentamos:

“ No sul, o homem que **não lobola** a sua mulher **perde** o direito à **paternidade**, **não pode** realizar o funeral da esposa nem dos filhos. Porque é um ser **inferior**. Filhos nascidos de um casamento sem lobolo **não têm pátria**” (N,p.48)

No exemplo acima, as construções negativas **não lobola**, **não pode**, **não têm**, procuram reflectir de forma nítida a valorização da tradição do lobolo.

A forma verbal **perder**, o adjectivo **inferior** e os substantivos **paternidade** e **pátria**, condicionam o reconhecimento do acto patriarcal por meio da tradição do lobolo pois, com este acto, o homem passa a ser fundador de sua pátria e detentor dos seus filhos.

É neste contexto que a tradição do lobolo na região sul de Moçambique é considerada uma instituição forte e incorruptível na medida em que é a essência e alma desse povo.

Como referimos acima, a presente obra procura questionar a tradição do fenómeno do lobolo na sua vertente negativa, ou seja, o lobolo como um laço matrimonial que representa um acto de compra colocando, a mulher em posição de desvantagem.

Junod (1996) citado por Granjo(2005:50) refere que no sul de Moçambique, o lobolo seria originalmente pago em gado bovino, situação que apenas se mantém em raros contextos rurais.

Os exemplos que a seguir apresentamos mostram como é que o fenómeno do lobolo é retratado na obra.

“ Vocês são minhas, conquistei-vos. Comprei-vos com gado. Domestiquei-vos. Moldei-vos à medida dos meus desejos, não quero perder nenhuma”(N,p.268).

“[...] -Tu és minha!

- Onde está o título de propriedade?

-Lobolei-te” (N,p.272).

Como podemos observar com os exemplos acima descritos, o pronome **minhas**, as expressões verbais **conquistei-vos**, **comprei-vos**, **domestiquei-vos**, **moldei-vos** e o substantivo **título de propriedade** mostram que o acto de lobolar assegura a pertença da mulher ao homem que a lobola.

Ainda se pode observar na obra que o fenómeno da tradição do lobolo para além de ser visto como um acto de compra e venda, pode também ser analisado como um contrato reconhecido em que, diferentemente do homem, a mulher é considerada interveniente chave, aquela que deve respeitar as cláusulas contratuais.

“[...]. Nos lobolos todos introduzimos uma inovação, a certidão de lobolo, com todas as cláusulas contratuais [...] toda em papel almaço, com timbre e tudo, dactilografada, assinada por todos os membros presentes na cerimónia” (N,p.125).

“Tivemos a nossa primeira reunião formal, o parlamento conjugal, inaugurado pela minha sogra e pelas tias já velhotas, para nos darem lições [...]sobre o amor polígamo. (N,p.125)..”

[...] para começar vocês devem elaborar uma escala conjugal. O marido deve ficar uma semana por cada uma, uma escala rotativa. Quem menstruar na semana de escala deve notificar-se imediatamente. Não podem conspirar o corpo do Tony com impurezas das vossas menstruações.[...] - Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda...” (N,p.126)

Estas descrições confirmam de forma clara que a tradição do lobolo remete a mulher a uma condição de subordinação total, não só do marido como também da família deste. Verifica-se que as pessoas mais velhas (sogra, tias, e avós) são incumbidas da nobre tarefa de aconselhar as mulheres loboladas por Tony sobre a necessidade de manutenção do seu matrimónio. É esta condição de mulher lobolada que faz com estas se sintam numa condição desvantajosa.

Estamos, portanto, na presença de um questionamento do papel da mulher, numa sociedade eminentemente prepotente, em que se observa a sujeição do feminino, passivo e subserviente a todas as formas de exploração, sem consciência de direitos ou vontades. (Leite 2004)

De referir que esta interpretação é também partilhada por outros autores que se dedicam ao estudo da tradição do lobolo ao afirmarem que, a noção do “lobolo nunca acaba” pois, os laços de parentesco estabelecidos entre os familiares de ambos lados, ou seja, da noiva e do noivo, implicam necessariamente obrigações morais (Granjo 2005).

Continuando na análise do questionamento da tradição do lobolo na obra, há algo particularmente interessante na descrição crítica desta tradição – o lobolo como acto relacionado com a questão da virilidade masculina.

“ O meu Tony, ao lobolar cinco mulheres, **subiu ao cimo do monte** - diz a minha sogra - Ele é a **estrela que brilha** no alto e como tal deve ser tratado.” (N,p.125)

“[...] - Espero que compreendam... somos africanos... a nossa cultura.[...].Somos bantu de corpo e alma. Homens ardentes. Em **matéria de virilidade, até os brancos nos respeitam....**” (N,p.109)

Como podemos observar, embora na obra seja inegável a existência de diferentes simbolismos da tradição do lobolo, esta tradição é também descrita como símbolo de virilidade, ou seja, um acto que exprime o poder sexual o homem. As formas verbais **subiu, brilha**, os substantivos **cimo do monte, estrela, virilidade** mostram de que forma a tradição do lobolo é tida como um dos condicionalismos para a afirmação da masculinidade.

A expressão, **em matéria de virilidade até os brancos nos respeitam** é mais um exemplo usado não apenas para mostrar a valorização desta tradição, como também para ilustrar a diferenciação e auto-afirmação cultural do homem africano.

Podemos, assim, concluir que embora a tradição desempenhe um papel relevante na questão da afirmação da identidade cultural, assiste-se, nesta obra, a uma representação irónica da tradição do lobolo, ou seja, esta tradição é posta em causa com o intuito de sugerir uma nova estruturação desse fenómeno, capaz de atribuir uma maior valorização ao mundo feminino.

### 3.1.2 A poligamia na obra: questionamento da modernidade moçambicana

No presente subcapítulo faremos uma dissertação sobre a descrição do fenómeno da poligamia na obra.

Assim, para uma melhor compreensão desta análise, consideramos à priori, que seja relevante apresentarmos o verdadeiro conceito deste fenómeno, no universo ficcional do protagonista.

Como referimos anteriormente, o conceito do fenómeno da poligamia é tido como sendo o estado ou condição de polígamo. União conjugal de um indivíduo com vários outros simultaneamente. Costume socialmente regulado, ou regra ou ideal de casamento que permite ou prescreve esse tipo de união.

Partindo deste pressuposto, podemos notar que a obra, usando uma estratégia crítica, descreve em primeiro plano, aquilo que é considerado o “verdadeiro” conceito da poligamia, onde as relações conjugais subsequentes à primeira devem ser feitas com consentimento da esposa anterior.

“[...] Que sistema agradável é a poligamia. Para o homem casar de novo, a esposa anterior tem de consentir, e ajudar a escolher”.[...] Poligamia não é substituir mulher nenhuma, é ter mais uma. Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. [...]. É um sistema, um programa. É uma só família com várias mulheres e um homem, **uma unidade, portanto**”. ( *N*,p.96)

- Na **poligamia verdadeira**, não é o homem que impõe os desejos de ter mais uma, mas as próprias mulheres sugerem um novo casamento. As mulheres não são violentadas e vivem umas perto das outras. Os casamentos são **programados, planeados** ( *N*,p.232)

Com o exemplo acima descrito podemos notar que, o “verdadeiro” fenómeno da poligamia é descrito como um **sistema, um programa, um plano** ou seja, algo que

nos remete para a existência de um grupo formado, com consenso mútuo e regras bem delimitadas.

As expressões verbais **consentir, ajudar a escolher** e o adjectivo **agradável**, são usados como indicadores da forma correcta da tradição da poligamia.

As construções negativas **não é substituir, não é esperar** são também usadas como estratégia para ilustrar a aplicação da forma correcta desta tradição, ou seja, a **verdadeira poligamia**.

Contudo, a presente obra mais do que defender os valores tradicionais da poligamia, que estabelecem regras bem precisas, remete-nos a um questionar da forma perversa como este fenómeno foi adulterado na sociedade urbana, como ilustra os exemplos que a seguir apresentamos:

"[...] No caso de Tony são várias **famílias dispersas** com um só homem. Não é **poligamia** coisa nenhuma, mas uma **imitação grotesca** de um sistema que mal domina. (N,p.96)

"[...] - Ah, meu Tony. Andas sempre à **deriva** como canoa no mar revolto. Em cada dia percorres o perímetro da cidade. Dormes em **qualquer poiso** quando a noite vem, mulher aqui, mulher ali,[...] (N,p.231)

Com as expressões **famílias dispersas, imitação grotesca, sistema que mal domina, qualquer poiso**, podemos observar um reflexo da metamorfose cultural do universo moçambicano, ou seja, a existência e persistência de uma poligamia informal, sem consideração nem respeito aos direitos que as mulheres tinham na sociedade tradicional e, portanto, alheio às regras pré concebidas.

A construção negativa **não é poligamia** serve de mais um exemplo ilustrativo da forma distorcida deste fenómeno no contexto urbano.

É de se aceitar, portanto, que estamos diante da descrição de um fragmento do fenómeno da poligamia, ou seja, o fenómeno de “amantismo”, em que se reflecte a falsa poligamia, onde a relação amorosa múltipla toma uma vertente clandestina.

“- Diz-me, Tony, para quê enganar mulheres e deixá-las com filhos nos braços? O que querias tu com elas?

- Nada de sério, confesso. Orgulho, simples orgulho. Ter uma mulher aqui, um filho acolá, dá vaidade a qualquer macho. Não sou o único. Muitos homens fazem isso.”(N,p.299)

Com as expressões verbais **enganar, deixá-las**, assiste-se, a mais um testemunho de uma leitura crítica da actual e errada concepção da tradição da poligamia.

As expressões **nada de sério, orgulho, simples orgulho, mulher aqui, filho acolá, vaidade**, também servem para mostrar o desconhecimento da tradição da poligamia, ou seja, o quanto o fenómeno da poligamia é mal concebido no contexto urbano.

É assim que se afirma que a questão da poligamia não é, portanto, o assunto da obra mas sim um texto que funciona como pretexto. “Mais do que a história de um polígamo ou história das mulheres de um polígamo, a obra é uma reflexão sobre o universo cultural” ( Lobo in *Proler*.Maio/Junho. 2004 pp.38 ).

Ora, se tal reflexão, por um lado, nos remete para um rebuscar do entendimento da tradição como padrões de crenças, valores, significados, formas de comportamento, conhecimento e saber, passados de geração em geração pelo processo de socialização e,

por isso, algo estático e homogêneo, por outro, a questão da modernidade descrita na obra é o reflexo crítico do abalar dos alicerces da tradição da poligamia na sociedade moçambicana. (Honwana, 2002)

A modernidade é, assim, vista como algo que é caracterizada pela consciência da época em que emerge, como um tempo em que tudo tende a transformar-se, em que a sociedade é abalada os seus alicerces (Matusse, 1998).

Trata-se portanto, de uma obra que faz a descrição de uma dicotomia coexistente no mesmo mundo, ou seja, a tradição e modernidade que funcionam como uma arena entrelaçada que descreve a interacção dos fenómenos culturais da sociedade moçambicana.

É evidente que os conceitos de tradição e modernidade são duas categorias que fundamentam a reflexão sobre a sociedade moçambicana, daí a concluirmos que a mudança da tradição da poligamia reflectida na obra nos remete para o questionamento dessa tradição no contexto moderno.

### **3.3. A dimensão social da mulher. A questão dos esteriótipos sob dois polos : o sul e o norte.**

Como referimos na parte introdutória deste capítulo, a segunda parte será dedicada à dimensão social da mulher relativamente à questão dos estereótipos a que esta está sujeita tendo em conta os dois polos: o sul e o norte de Moçambique.

Nesta obra, as mulheres assumem um papel central. Cada uma delas procura contar as histórias sobre a sua vida, assistindo-se, portanto, a um testemunho das diferentes experiências femininas, como as narrativas das mulheres mais velhas e mais novas, do norte e do sul.

Os discursos apresentados por cada uma das mulheres trazem consigo uma carga de estereótipos que procuram fazer uma diferenciação dos hábitos culturais dos dois extremos do universo cultural moçambicano: o sul e o norte.

Essa diferença concentra-se basicamente na relação que as cinco mulheres estabelecem com o seu homem, Tony.

Assiste-se, por um lado, “ à mistificação do norte, glorificando-se o mistério que ainda rodeia as mulheres dessa parcela do-território, representadas pela mulher maconde e macua”( cf.Lobo, *op cit.* pp.38).

“- Eu **tenho magia** no corpo inteiro - remata a Mauá- na hora de amor **enrolo-o, prendo-o, cubro-o e ele dorme como uma criança**. Comecei a ter **lições de amor** a partir dos oito anos. [...] Vocês todas são **insignificantes aos meus pés**”(N,p.177).

Como podemos observar no exemplo acima descrito, as expressões verbais **tenho, enrolo-o, prendo-o, cubro-o** e os substantivos **magia, lições de amor**, têm por função sugerir a imagem de uma mulher que tem conhecimento e domínio da “sexualidade”, ou seja, uma mulher, do norte, com poderes de sedução e capacidade de conquista masculina.

E, por outro, assiste-se à desvalorização do sul, fracturada pela diferença e pela ocidentalização dos costumes (Leite 2004)

“Vocês do sul, não se preocupam com coisas importantes [...]. Fazem amor à moda da Europa. [...] Dizem que pensamos apenas no sexo? Quantos homens do sul **abandonaram** os lares para sempre? [...] Têm dinheiro e brilho. Mas **não têm essência**. [...] Vocês, do sul, **ainda não são mulheres, são crianças**. [...] vida a dois não tem encantos.(N, p179

"[...] -Diz-me, como foi a preparação nas vésperas do casamento?

- Tinha aulas na igreja, com os padres e freiras[...]

[...] E do amor sexual?

- Nunca ninguém me disse nada.

- Então não és mulher - diz-me com desdém ainda é uma criança. ( N, p.37)

As construções negativas não se preocupam,. não têm essência, ainda não são mulheres, são crianças, não tem encantos, ainda é uma criança transportam consigo uma carga semântica de desprezo, reduzem a mulher do sul a um estado de ingenuidade, desconhecadora das regras de conquista do amor, ou seja, uma criatura indefesa.

Podemos concluir que as descrições acima apresentadas mostram a imagem estereotipada da mulher, tendo em conta o universo diversificado em que ela coabita. São estas descrições que reflectem o cruzamento de povos, remetendo-nos a uma apreciação da realidade da nossa cultura.

Também se pode afirmar que se assiste na obra a uma sobrevalorização de culturas, isto é, à criação de juízos de valor no sentido de comprovar a superioridade de um grupo, o norte, e inferioridade do outro, o sul.

Um outro aspecto ligado aos estereótipos da mulher em torno da diferenciação sul/norte é retratado a partir dos traços físicos e comportamentais.

" Vocês, do sul, são grandes de tamanho. Fortes. Boas para o trabalho - conclui a Mauá num tom quanto insultuoso - Têm bacia larga e ancas enormes, boas de mais para os partos. As vossas mãos são adequadas para rachar lenha e esfregar o chão. Mas já não são boas para companheiras do

leito. [...] Nós, as nortenhas, somos finas, pequenas, boas para o amor e para o leito. Por isso somos rainhas, os homens são nossos escravos. (N,p182)

Como podemos observar, se por um lado temos as expressões **grandes de tamanho, fortes, bacia larga e ancas enormes** como traços físicos que caracterizam as mulheres do sul, por outro temos uma oposição destes traços, ou seja, as mulheres do norte são caracterizadas como sendo **finas e pequenas**.

As características acima apresentadas aparecem com o objectivo de mostrar que, contrariamente à mulher do sul, com traços comportamentais apresentadas pela construção negativa **não são boas para companheiras do leito**, a imagem da mulher do norte é concebida como **sexualmente activa, boas para o amor e para o leito**, representando dessa forma, a glorificação do mistério que rodeia as mulheres dessa parcela do país.

#### 4. Conclusão

O presente trabalho tinha em vista a análise do fenómeno da poligamia em *Niketche Uma História de Poligamia* de Paulina Chiziane.

O objectivo principal deste trabalho centrou-se em analisar a forma como a obra retrata o fenómeno da poligamia tendo em conta o contexto cultural e social moçambicano e, sobretudo, analisar na obra a forma como este fenómeno se manifesta no contexto urbano.

Foi através da concretização desse objectivo, feita a partir da análise do nosso *corpus* do trabalho, que conseguimos validar as duas primeiras hipóteses, nomeadamente: o fenómeno da poligamia é extremamente controverso, a sua delimitação conceptual deve ter em conta as diversidades do contexto cultural e social de cada sociedade; e a poligamia na obra é um reflexo nítido e crítico do questionamento da tradição e da modernidade.

Duma forma geral, foi possível ao longo desta dissertação mostrarmos que a leitura desta obra permite acompanhar a riqueza e a diversidade do universo moçambicano, apresentado através da descrição e convivência feita pelas personagens femininas.

No capítulo reservado à revisão da literatura procuramos apresentar os vários conceitos que nos serviram de alicerce para a elaboração com êxito do presente trabalho.

Tendo em conta que estamos diante de uma narrativa, esteve em destaque a questão da representação, onde constatamos que numa obra literária a construção de um mundo empírico é feito por meio da representação. Vimos também que a capacidade

criativa do autor, a ilusão referencial podem ser relevantes para a construção desse mundo empírico.

A análise desta narrativa esteve em destaque no terceiro capítulo. O enfoque recaiu sobre a representação da poligamia na obra.

Com esta análise constatamos que em Moçambique o fenómeno da poligamia está basicamente inserido no contexto de práticas rurais embora actualmente se observe a sua transposição para o contexto urbano.

Tal transposição provoca inúmeras mutações deste fenómeno, e é nitidamente apresentada na obra. Daí esta apresentar-nos um questionamento da forma como a poligamia foi adulterada na sociedade urbana.

É neste contexto que concluímos que a autora mais do que defender os valores tradicionais da poligamia, que procuram estabelecer regras bem precisas, permitindo um equilíbrio social da mulher, transmite um percurso de tomada de consciência, primeiro, do estado de dependência do mundo feminino e segundo, da manipulação deste fenómeno no contexto urbano.

Ligada a questão da poligamia foi possível também constatar que a este fenómeno está associado a tradição do lobolo. Esta tradição é também apresentada de forma crítica tendo em conta a sua vertente negativa que coloca a mulher numa posição de desvantagem.

Nota-se, assim, que a obra apresenta o lobolo como sendo uma forma de casamento onde o uso de meios materiais é primordial. Tal facto é retratado de forma crítica, pois, esta tradição tende a degradar o fundo moral duma verdadeira união, na

medida em que o amor entre duas pessoas é que deveria ser o verdadeiro e poderoso laço para afirmar, duma maneira mais afectiva a união conjugal.

Na continuação da análise deste capítulo, foi também referida a questão dos estereótipos atribuídos às mulheres, tomando em consideração a diversidade cultural em que estão inseridas. Nesta análise foi notória a glorificação da parte norte de Moçambique, onde encontramos mulheres com uma linhagem matrilinear e consideradas sexualmente instruídas e experientes.

Em suma, podemos afirmar que *Niketche Uma História de Poligamia* se inscreve numa linha de narrativa feminina africana de crítica à poligamia que procura através da inscrição literária do corpo feminino reflectir as múltiplas manipulações da sociedade moderna e tradicional.

Esperamos ter atingido o nosso objectivo, com relativo sucesso, através dos caminhos que acabamos de enunciar.

Esperamos, por conseguinte, que o nosso estudo contribua para suscitar mais interesse por esta obra em particular e, de forma geral, que sirva para o desenvolvimento da literatura moçambicana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONSULTADAS:

### 1. Bibliografia activa:

Chiziane, Paulina. (2002) *Niketche Uma História de poligamia*. Maputo: Editorial Ndjira.

### 2. Bibliografia Passiva

#### 2.1. Bibliografia sobre Teoria da Literatura

Aguiar e Silva, V. M. (1984) *Teoria da Literatura*. 6ª edição. Coimbra: Livraria Almedina.

Barthes, R. "O efeito do real" In Todorov, T. (1984) *Literatura e Realidade* Lisboa: Publicações Dom Quixote. pp.87-97.

Reis, C.; Lopes, A. (2000) *Dicionário de narratologia*. 7ª edição. Lisboa: Edições Almedina.

Shaw, H. (1982) *Dicionário de Termos literários*. 2ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

#### 2.2. Bibliografia sobre Literatura Moçambicana

Lobo, A. *Niketche uma história de poligamia de Paulina Chiziane: a moçambicanidade revisitada*, in Proler, Maio/Junho 2004, pp.37-39.

Noa, F.P. ( 2002) *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: caminho.

Matusse, G. (1980) *A construção da Imagem de Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka khosa*. Maputo: Livraria Universitária.

#### 2.3. Bibliografia sobre Literaturas Comparadas

Carvalho, T. F. (1986) *Literatura Comparada*. São Paulo: Editora Ática

Machado, A. § Pageaux, D. (1988) *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70.

#### 2.4. Bibliografia sobre Literaturas Africanas

Leite, A. (2004) *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Maputo: Imprensa Universitária.

Margarido, A. (1980) *Estudos sobre as literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: Edições A Regra do Jogo.

#### 2.5. Bibliografia sobre Tradição e Poligamia

Amâncio, L. (1994) *Masculino e Feminino: A construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.

Granjo, P. (2005) *Lobolo em Maputo Um velho idioma para novas vivências conjugais*. Porto: Campos das letras editores.

Honwana, A. (2002) *Espíritos vivos, tradições modernas: Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Maputo: Promédia.

Junod, H. (1996) *Usos e costumes dos povos bantu. Vida Social*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

Serra, C.(org.) (1998) *Identidade Moçambicanidade Moçambicanização*. Maputo: Livraria Universitária

AAVV (1986) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas